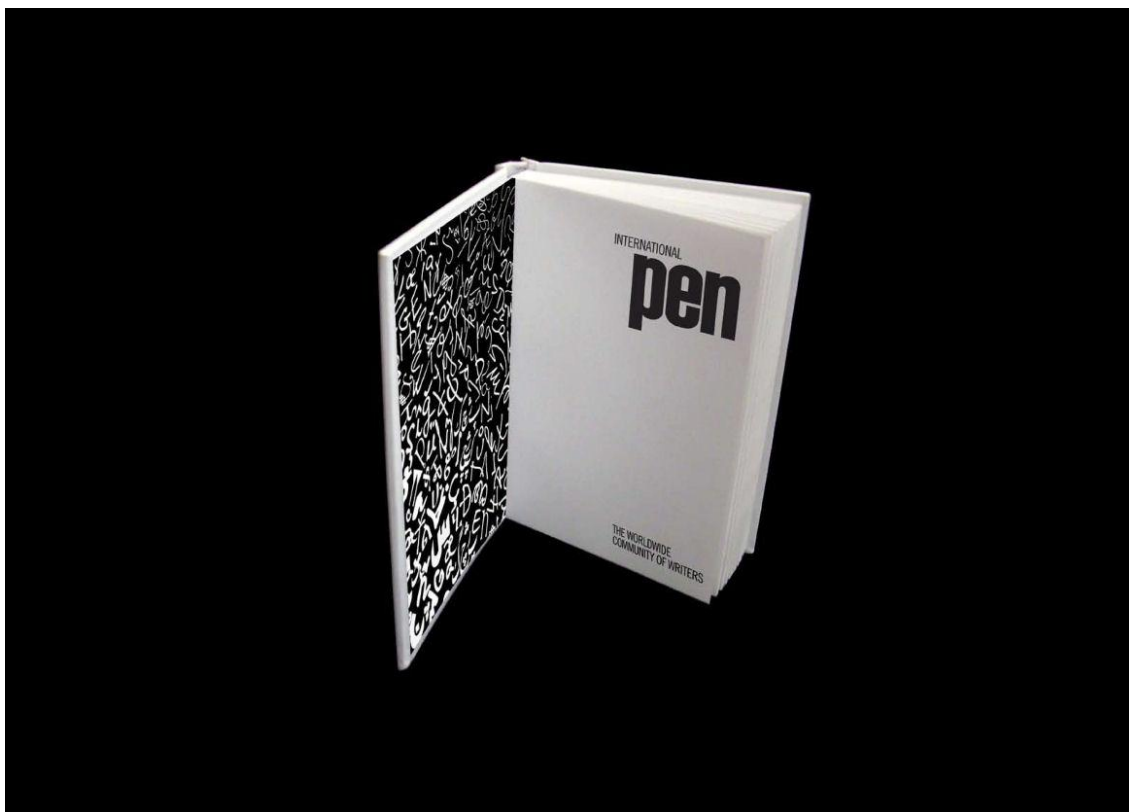


Boletim informativo

PENport 2 (Março de 2011)



Teresa Salema: Caminhos de perseverança

Este segundo número do PENport é dedicado a memórias próximas. Muitos de nós têm presente a gratificante cerimónia da entrega dos prémios PEN para obras publicadas em 2009, que por razões de agenda só pôde ser realizada no passado dia 10 de Janeiro, seguida de um sempre agradável jantar de convívio, em que o Director-Geral do Livro e das Bibliotecas, Jorge Couto, nos honrou com a sua companhia. Estamos já a trabalhar para a 32ª edição dos prémios.

Porém, não nos alheamos da grande família do PEN pelo mundo fora, que como foi oportunamente noticiado terá contribuído para a atribuição do Prémio Nobel da Paz a Liu Xiaobo, que não o pôde receber na cerimónia de Oslo por se encontrar encarcerado numa prisão chinesa. A homenagem que lhe fazemos principiará com a evocação de uma acção de leitura global, a que nos juntaremos simbolicamente ao incluir neste número um poema seu, e será continuada nas sessões dos dias 4 de Abril e 2 de Maio na Biblioteca do Museu da República e Resistência, de que daremos conta na última secção deste Boletim.

Chamamos ainda a atenção para a Assembleia Geral no próximo dia 30, para a qual todos os sócios receberam convocatória por escrito e que incluirá a discussão de um documento que esta Direcção se comprometeu a apresentar: o regulamento eleitoral, até aqui inexistente.

Continuamos assim por um caminho julgado consequente e em cujo curso todos podem (e devem) ter uma palavra a dizer.

Março de 2011

Teresa Salema

Notícias dos Comités

Comité dos Escritores na Prisão (WiPC)

A próxima reunião deste Comité terá lugar em Bruxelas, de 24 a 27 de Março de 2011. Dele daremos notícias proximamente. Continuamos a publicar notícias e apelos correntes no blog Novidades (<http://novidades.penclubportugues.org>).

O Centro português empreendeu, em Janeiro, uma acção de protesto, junto das autoridades santomenses, contra o despedimento da poeta e jornalista Conceição Lima da estação televisiva estatal do seu país, bem como uma acção de protesto, junto das autoridades angolanas, contra a prisão de Armando José Chicoca.

Presidente: Marian Botsford Fraser (mbf@internationalpen.org.uk)

TS

Comité dos Escritores para a Paz (WfPC)

Este Comité, sediado em Bled, reunirá de 4 a 8 de Maio de 2011. As áreas temáticas que serão tratadas este ano, como sempre em 3 mesas redondas consecutivas, têm por título: **Bibliodiversidade e o futuro da escrita, Liberdade de expressão: censura aberta e coberta e A imagem do estrangeiro na literatura como caminho para a paz.**

Para mais informação sobre este Comité, consultar o respectivo blog <http://permanentwhisper.penclubportugues.org>.

Presidente: Edvard Kovács (edvard.kovac@guest.arnes.si)

TS

Comité das Mulheres Escritoras do PEN Internacional

As iniciativas deste Comité, cuja nova Presidente é Kadija George (ipwwcommittee@googlemail.com), são referidas no blog Terra Incognita (<http://terraincognita.penclubportugues.org>). Todas as sócias podem enviar pequenos textos (até 1500 caracteres) para lá serem colocados. Nele inserimos textos da poeta santomense Conceição Lima.

TS

Comité de Tradução e Direitos Linguísticos

Este Comité, sediado actualmente em Barcelona, terá o seu encontro anual em Girona, de 11 a 13 de Maio de 2011, em torno do tema **Direitos linguísticos e transparência informativa**.

Presidente: Josep Maria Terricabras (josepm.terrincabras@udg.edu).

Traduzidos por Maria do Sameiro Barroso, foram incluídos vários poemas de membros de Centros PEN, incluindo Liu Xiaobo, no blog do Comité (<http://proximidade.penclubportugues.org>).

TS

Prémios PEN para 2009

- com o apoio da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas -

Foram amplamente noticiados os prémios PEN, que só puderam ser entregues, por vários impedimentos de agenda, no passado dia 10 de Janeiro de 2011. Transcrevemos aqui as intervenções da Presidente do PEN e de membros dos respectivos júris.

Exmo. Senhor Assessor da PR, Exmo. Sr. Presidente da DGLB, Exmo. Sr. Administrador da SPA, Caros membros dos júris, caros premiados, minhas senhoras e meus senhores: Os prémios literários do P.E.N. Clube Português cumpriram já no ano passado trinta anos de existência – de um modelo então pioneiro e posteriormente copiado por várias instâncias e instituições. A modalidade que se encontrou segue as iniciais da sigla *Poets-Essayists-Novelists* e não é praticada com especial frequência nos Centros PEN existentes pelo mundo fora – lembramos que são 145 Centros em 104 países. Isto não só porque as siglas se desdobram: P para *Poets* e *Playwrights* (dramaturgos), E para *Essayists* e *Editors* (editores de texto), N para *Novelists* e *Non-fiction* (de que fazem parte os biógrafos). Neste sentido, há Centros que dão especial atenção à criação dramática, na medida em que esta se pode tornar mais evidentemente articulável com o espírito do PEN, enquanto cidadania da literatura. Outros Centros dedicam-se a galardoar por ano uma única obra que corresponda a esse mesmo espírito.

No nosso Centro, a questão da modalidade dos prémios tem sido debatida, tendo-se igualmente constatado que os canais de concessão de um prémio a um texto dramático passariam pela encenação do mesmo, a cargo de outras entidades que não o PEN. Daí que as nossas opções continuem a ser as de sempre: uma vez que vivemos num regime democrático, em que a liberdade da criação é constitucionalmente garantida e só encontra eventuais limites nas conhecidas contingências editoriais, a muito frutuosa parceria com a DGLB (como já fora com o anterior IPLB) empenha-se assim em chamar a atenção para a diversidade de formas que a mesma criação pode

ter, inclusivamente a montante de uma consagração literária. Nesta perspectiva, foi criado há alguns anos um prémio especial para a Primeira Obra.

A diversidade criativa da produção literária do ano de 2009 reflectiu-se na multiplicação de prémios atribuídos em *ex-aequo*, dos quais falarão os membros dos respectivos júris. Termino com um agradecimento a todos os que contribuíram para tornar esta cerimónia numa realidade por todos aqui partilhada, e em especial à instituição que nunca duvidou do nosso empenhamento em garantir aquilo a que chamei, na breve intervenção que fiz aqui no ano passado, a *liberdade da qualidade*. Muito obrigada a todos.

Teresa Salema

O Desdobrar da Sombra seguido de Fragmentos de um Labirinto, de
Maria da Saudade Cortesão Mendes (Roma) – Prémio Pen de Poesia (ex-aequo)

Surpreendente foi o destino de Maria da Saudade Cortesão Mendes. Nascida em Portugal, aqui passou a infância e parte da adolescência. Desses anos, regista a sua poesia a imagem impressiva dos tachos de cobre onde foi feita a marmelada, «ainda sujos e quentes na cozinha antiga». O envolvimento de Jaime Cortesão, seu pai, numa das primeiras revoltas contra a Ditadura, logo em Fevereiro de 1927, irá determinar a sua saída do país, que se prolongará por um longo exílio, que incluiu Espanha, França e o Brasil. A diversidade de culturas por onde passou terá, sem dúvida, contribuído para o claro cosmopolitismo que se revela na sua obra poética. No Brasil, desde 1940, encontrará Murilo Mendes, um dos nomes maiores do Modernismo local, com quem virá a casar em 1947. A escrita poética, a que Maria da Saudade se entrega por esses anos, apresenta evidentes afinidades com a dos poetas brasileiros da chamada geração de 1945, que se distanciam do nativismo modernista, adoptando, antes, uma atitude universalista que inclui a grande tradição literária ocidental, e pondo o acento na cuidada factura do poema, encarado como objecto estético autónomo. Rilke exerce, então, uma forte influência, que chegará também a Maria da Saudade, bem como a poetas portugueses próximos dela pela idade, Sophia, por exemplo. No nº 3 da revista *Árvore*, referente à Primavera e Verão de 1952, inclui a poeta três textos ilustrativos do carácter culto da sua poesia, um dedicado a uma personagem literária, “Ofélia”, outro dedicado a uma personagem mitológica, “Fedra”, e o terceiro dedicado a uma figura bíblica, “A Mulher de Loth”. Ao livro em que iriam ser incluídos esses três poemas, *O Dançado Destino*, seria atribuído nesse mesmo ano no Brasil o Prémio Fábio Prado de Poesia. O volume, porém, só viria a ser publicado em 1955, e, curiosamente, numa colecção intitulada Livros de Portugal, onde sairia, em 1958, a terceira colectânea poética de David Mourão-Ferreira, *Os Quatro Cantos do Tempo*. Período de riquíssima vivência humana e cultural foi o que Maria da Saudade passou em Roma, onde Murilo ensinou Literatura e Cultura brasileiras entre 1957 e 1975. Desses anos é o conhecido “Murilograma” que o marido lhe dedicou: «[...]// Senhora

do mundo enigma,/ De labirintos Ariana,// Tu serena aparecida/ Tu poesia liberdade//
Com um livro-cristal sublinhas/ O teu dançado destino.»

Está aqui, cremos, uma excelente síntese da poesia de Maria da Saudade, designadamente da que se encontra no livro premiado, *O Desdobrar da Sombra seguido de Fragmentos de um Labirinto*. É essa uma poesia que cultiva uma dicção nobre, elevada, e que se insere na grande tradição simbolista que atravessa muita da poesia do Modernismo, e que se não cinge apenas ao gosto pelo requinte expressivo, pelos termos raros e pela temática de incidência culta ou mitológica, antes se apura na construção do poema, ícone verbal, como se ele fosse e tivesse que reverberar como um cristal. Assim, parafraseando Hölderlin, habitou Maria da Saudade poeticamente esta terra, que não foi apenas a da sua errância humana, repartida por tantos lugares e também por Portugal nos primeiros e nos últimos anos da sua longa vida, mas também a que ela sonhou e a que soube dar límpida forma na sua poesia.

Arado, de A.M. Pires Cabral (Cotovia) – Prémio Pen de Poesia (ex-aequo)

O poema é, em *Arado*, o livro premiado de A.M. Pires Cabral, fundamentalmente, um lugar de meditação. Um espaço de meditação sobre o mundo que rodeia o poeta, o mundo que desapareceu, o tempo que foge, a mudança, os animais e as plantas que habitam a terra, o calendário que nos marca os dias, sobre si próprio, as suas inquietações, as suas dúvidas, as suas dores, o espanto diante das surpresas permanentes do mundo, os efeitos do tempo sobre si, a sua difícil relação com Deus. É o olhar que orienta este incessante exercício de reflexão um olhar lícido, céptico, desencantado, *sage*, que se não consente ilusões sobre coisa nenhuma, e ainda menos sobre si próprio. Dir-se-ia o olhar de um moralista, que junta ao desengano desse olhar uma saudável dose de ironia, e, frequentemente, como seria inevitável, de auto-ironia. É, ao mesmo tempo, alguém que procura, continuamente, retirar lições do que faz, do que lhe acontece, do que observa, por inúteis que elas possam ser. Estranha coisa nos nossos dias um poeta falar de ensinamentos que possa receber, lembrar lições que possamos colher. Mesmo que seja para repetirmos os mesmos erros. Parece voltar o *utile* dos antigos, claro que já com a recusa de didactismos obsoletos própria dos modernos.

Tudo isto nos é dado em função do enraizamento do poeta num espaço específico, aquele onde nasceu e tem vivido, o do Nordeste transmontano. O sociólogo tem, aqui, inesgotável matéria de reflexão, e não há mal em que assim alguns se aproximem da literatura. Não vamos nós tantas vezes a Eça para termos uma ideia da sociedade portuguesa do seu tempo, mais viva do que aquela que nos dão os livros de História? O retrato que, em *Arado*, Pires Cabral dá da sua *Terra Mater*, que já o não é, com o abandono dos campos, a decadência da agricultura, o processo de desertificação, é um retrato impiedoso. Mas, a este propósito, como a todos os outros, o poeta é um homem de nuances, que sabe ver para além das antinomias simplistas e

que cria entre elas espaços de compreensão. O inesperado surge a todo o passo nas histórias que os seus poemas, organizados, muitas vezes, em sequências, contam. Quando tudo parece ruir à sua volta, surge, vinda não se sabe donde, a proclamação de uma fidelidade sem jaça, como aquela que se encontra no termo da sequência em que o poeta joga com o título, a que ironicamente retorna, do seu livro de estreia: «Ah, mas eu mantenho-me fiel.// Como um cão dormido no seu ninho,/ redondo de sono,// assim eu me enrosco no Nordeste/ e respiro contente o que dele ficou,/ por pouco ar que seja.»

No verso que fecha o primeiro poema dessa mesma sequência, pode ler-se, em jeito de conclusão, como o lugar em que o verso está recomenda: « -- e eis que tudo está mudado do que foi.» Há, aqui, como se vê, um eco de Sá de Miranda, mestre de tantos dos nossos poetas do desengano e da melancolia. No famoso soneto “O sol é grande” dizia o nosso quinhentista que «tudo o mais renova: isto é sem cura». Aqui, parece estar ausente a promessa de renovação, mas há um estoicismo, uma capacidade de resistência, uma sede nunca apagada de entender, de definir a nossa inalienável humanidade que lhe é, em força expressiva, equivalente.

Fernando J.B. Martinho

Atribuição do Prémio PEN Clube Português de Ensaio referente a obras de 2009, a *História do Pensamento Estético em Portugal*, de Fernando Guimarães, e *Finisterra. O Trabalho do Fim: reCitar a Origem*, de Manuel Gusmão (*ex-aequo*)

Não sabemos ainda, decerto não saberemos nunca, o que é uma obra de arte, poema, romance, quadro. Um ensaio pode apenas perscrutar as razões de cada obra, o seu irrepetível lugar, o modo como ela interroga o mundo, um ideal de beleza, as peregrinações dos homens em torno. O ensaio desafia as certezas prontas e universais: avalia um conceito ao longo de séculos, na pluralidade de sentidos que encarna e que esquece, ou o abismo de uma obra, leitura a leitura, obrigando a definir outra vez o que sabemos (pensávamos que sabíamos) sobre a escrita. O ensaio confronta-se com a dúvida, a relatividade do próprio saber que o inspira, com o infinito da interpretação que se desdobra e termina na promessa de mais uma – sempre inesgotável – interpretação. Mas esse abismo que adia a certeza, que oculta de cada vez que desvenda, é a própria condição do ensaio, a consciência mais lúcida do pensamento.

Ao apontar assim a perseguição de um conceito ou a interrogação de uma obra, a relatividade do saber ou a crítica da representação, procuro desde já descrever as obras vencedoras do Prémio PEN Clube Português de Ensaio referente a livros publicados em 2009: *História do Pensamento Estético em Portugal*, de Fernando Guimarães, e *Finisterra. O Trabalho do Fim: reCitar a Origem*, de Manuel Gusmão.

O livro de Fernando Guimarães estuda o desenvolvimento do conceito de estética em Portugal, desde a sua preparação junto de autores renascentistas como

Leão Hebreu, Frei Heitor Pinto ou Francisco de Holanda, até à actualidade relativista, que experimenta uma eventual “desestetização da estética” (p. 10); nesta travessia interrogante de quinhentos anos de criação e filosofia, Fernando Guimarães demora-se em torno de alguns autores incontornáveis, como Alexandre Herculano, Antero de Quental, Teófilo Braga, Fernando Pessoa, José Régio, António Pedro, chegando a Vergílio Ferreira, Eduardo Prado Coelho, ou autores que continuam ainda hoje a interrogar a ideia de estética.

Esse mesmo conceito problemático transfigura-se radicalmente, ao longo das gerações, conforme a rede conceptual que cada autor invoca para o estudar: Fernando Guimarães mostra como a estética é definida a partir da ideia de imitação ou de imaginação, do belo ou do sublime, do bem, da moral e da religião, da verdade cientificamente demonstrada ou da intervenção política das obras no mundo humano. Por isso a noção da experiência estética não significa o mesmo no romantismo de Herculano e no positivismo de Teófilo Braga, no fingimento segundo Pessoa ou na ideia de expressão em José Régio; tal como diverge conforme os pensadores e criadores portugueses preferem ler Kant ou Diderot, Heidegger ou Marx. Em cada tentativa de definição da estética, há portanto um cruzamento de influências, motivações geracionais ou pessoais, enfim, uma circunstância do autor que é filosófica, histórica, política, com dívidas a autores e linguagens anteriores, mas também ao presente mais aceso do pensamento em curso.

A leitura extremamente atenta, informada e problematizante de Fernando Guimarães permite então ver como um mesmo autor faz entrarem em jogo definições divergentes de estética (é o caso de Pessoa), como grupos aparentemente opostos coincidem em algumas teses fundamentais (caso do neo-realismo e da geração da *presença*), ou ainda como a radicalidade de alguns pensadores contrasta com a tentativa de eclectismo de outros (penso em, respectivamente, Teófilo Braga e António Pedro). Nesta leitura rigorosa, a história da ideia de estética permite tornar sensível uma história do mundo e do próprio pensamento: atrás de cada teoria sobre o belo, e para além da voz pessoal de cada pensador, move-se um conjunto de circunstâncias, heranças filosóficas, preocupações colectivas.

A estética, como mostra este livro, não é portanto um conceito (ou um conjunto de conceitos e operações) definido de uma vez para sempre. Será antes um debate interminável, instável, que cada autor ou geração deve refazer, orientar para preocupações sempre novas, tanto na teoria da arte como na sua prática. É o que lembra a frase que encerra o livro: “As tensões a que o pensamento estético está sujeito são, afinal, consequência e causa das que existem no próprio acto de criação.” (p. 138). De facto, tanto entre pensadores como entre criadores, a redefinição da estética continua em devir, hoje, decerto num “desvio para a subjectividade”, como escreve ainda Fernando Guimarães (p. 135). Também por isso é importante este livro rigoroso: para saber o que tem sido o jogo de forças e conceitos no pensamento estético em Portugal, antes de receber o que virá, o que não cessa de vir.

Ao terminar o seu ensaio *Finisterra. O Trabalho do Fim: reCitar a Origem*, também Manuel Gusmão avança uma “última hipótese: a de que o messiânico em *Finisterra* é o belo ou o estético” (p. 137). Isto é: a verdade possível para os homens apenas se deixa entrever na beleza daquele desenho pelo qual o sujeito, no romance final de Carlos de Oliveira, ao mesmo tempo estuda e adivinha o seu tempo, o seu presente, o seu passado, decerto também o seu futuro. O estético, breve desenho, quase ininterpretável, seria afinal toda a verdade possível para quem está preso no tempo.

Assim, *Finisterra* de Manuel Gusmão lê *Finisterra* de Carlos de Oliveira através do tempo e daquilo que se salva do tempo. Lê *Finisterra* na temporalidade da escrita de Carlos de Oliveira, depois de *Casa na Duna* e de *Pequenos Burgueses*, romances obsessivamente reescritos e tornados contemporâneos; mas lê também a tradição crítica em torno de Carlos de Oliveira, a história sintomática dos seus leitores; e ainda o tempo da História que define todas as escritas e leituras, a começar pela leitura que as personagens fazem da paisagem ficcional e a acabar na leitura do próprio Manuel Gusmão, autobiograficamente presente na abertura do livro.

Lê-se assim a História como narrativa sobrevivente, contra a narrativa da morte da História (p. 31); não decerto uma História em moldes positivistas e lineares, mas uma História que se interroga a si própria ao interrogar a representação do mundo (por isso o ensaio estuda os desenhos, maquetes, fotografias pelas quais as personagens estudam a Gândara envolvente), e uma História que se sabe interrompida pelo messiânico, tal como Walter Benjamin o entendeu: o messiânico como o excesso do presente vivo, activo, sobre a massa do tempo indiferente, como a marca de uma esperança que abre e move o próprio presente, a resistência de um passado inconcluso, que espera que os vivos o dotem de sentido.

Assim, a leitura extremamente subtil e sensível de Manuel Gusmão permite encontrar na cosmovisão de *Finisterra* uma poética paradoxal (onde a mimese do mundo permite conhecer um mundo que ainda nem sequer existe, isto é: a representação inventa o representado, a compreensão do seu sentido último; e a opacidade desta representação e de todas as representações dentro do romance em nada obscurece o mundo referido: pelo contrário, é porque a representação se dá na sua opacidade que ela re-produz o mundo, que o produz segunda vez). Mas Manuel Gusmão encontra também, para lá da arte poética, uma lição política: a crítica da representação do mundo não implica a impossibilidade da representação, a crítica da representação é a própria condição da representação, a sua lucidez.

Se a compreensão do mundo deve incluir a instabilidade do mundo e a dúvida quanto a toda a compreensão, Manuel Gusmão escreve: “a mimese (a representação) não pode ser construída sobre a noção de semelhança, antes supõe a construção de uma rede de diferenças inscritas, pelas quais se tece a memória” (p. 111). A memória é diferenças, a representação é crítica, a História é o messiânico que a inventa. O ensaio de Manuel Gusmão permite começar a pensar precisamente aqui, onde a linguagem

deve ser reinventada para descrever este devir paradoxal. E também um encontro inesperado entre estética e colectividade: “Experimentar o belo é assim o ir, na admiração, ao encontro de uma comunidade de humanos.” (p. 129).

Pedro Eiras

O Chão dos Pardais - Dulce Maria Cardoso, ASA

Este é o terceiro romance de Dulce Maria Cardoso e tem sido objecto de surpreendentes desleitura, mais reveladoras de atenção superficial de quem lê do que de debilidades de que a narrativa, possivelmente, sofresse. Há quem tenha falado em romance cor-de-rosa, quando o livro é um mergulho implacável nos alçapões da condição humana. Este romance acolhe vários modos narrativos, não excluindo ocasionalmente o folhetinesco – mas um folhetim não é necessariamente cor-de-rosa, e é até, com frequência, parente próximo do negro e do gótico. Dulce Maria Cardoso está profundamente convicta da realidade potente dos seus mundos ficcionais. Num revelador depoimento afirmou, de modo incisivo, que “a ficção é uma fábrica de realidades” e, nessa linha, pergunta: “Qual é a família mais real, a minha ou a família Maia, criada pelo Eça de Queiroz?” E respondeu, provocantemente: “Segundo o critério proposto, é forçoso concluir que os Maias existirão por mais tempo na cabeça de mais pessoas do que a minha própria família.” Em *O Chão dos Pardais*, Dulce Maria Cardoso dá-nos, poderosamente, um mundo de amor e ódio, em que os valores da vida se dissipam ou se corroem, sem que nada pareça ter grande sentido, quanto mais redenção. A obra magoa e desorienta o leitor, tão metalicamente cruel é aquele mundo de relacionamentos humanos, sem calor nem sedução. Faz-se sexo como quem humilha e, do outro lado, como quem odeia. É uma visão lúcida e implacável mas que nos parece actuar não como agente depressor, antes como purga, no sentido que os trágicos gregos davam ao termo. No final de uma leitura, cujo significado profundo não vai necessariamente coincidir com o que lhe empresta a autora, o leitor sentir-se-á lavado por dentro e preparado para novas experiências.

Ilusão (ou o que quiserem) - Luísa Costa Gomes, Dom Quixote

A partir da metáfora shakespeariana de que o mundo é um palco e «todos os homens e mulheres meros actores», *Ilusão (ou o que quiserem)* é uma surpreendente narrativa em fragmentos que reflecte sobre a complexidade do quotidiano contemporâneo e a eventual artificialidade das novas formas de comunicação colectiva e de expressão individual. Com outros quatro romances, seis volumes de contos, dez peças de teatro e dois librettos editados desde a estreia literária em 1982, Luísa Costa Gomes comprova aqui a sua versatilidade e o seu empenho no experimentalismo temático e formal. A narrativa centra-se num anti-herói com contornos pícaros e assenta em remissões eruditas e num excelente domínio da actual

linguagem coloquial e vernacular e dos tiques do discurso politicamente correcto. O resultado é um retrato cómico e mordaz do esvaziamento do poder da linguagem numa sociedade imersa no fascínio pelas potencialidades do «virtual» e em desajustes existenciais e afectivos. Como numa caricatura, Luísa Costa Gomes distorce com aparente facilidade o real e deixa-nos um novo e brilhante contributo para a reflexão sobre a função actual da literatura.

Eugénio Lisboa, Filipa Melo e Francisco Belard, que presidiu

O júri do Prémio PEN de Ensaio, edição de 2009, atribuiu por unanimidade o Prémio para 1ª Obra a Ricardo Gil Soeiro, pelo seu livro *Iminência do encontro – George Steiner e a leitura responsável*, edição da Roma Editora.

Trata-se de uma tese de doutoramento em Estudos Comparatistas, Programa associado ao Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (Fac Letras) – e é motivo de orgulho para este Centro de excelência e para todos os seus membros (entre os quais, com muita honra e proveito, me conto), dando mostras de uma dinâmica de trabalho profícuo, norteado pela qualidade e pelo rigor.

Esta pertença a uma estrutura não pode, claro está, apagar o papel e o perfil de investigador que Ricardo Gil Soeiro é: o livro manifesta com eloquência as suas qualidades e o seu saber, aplicando-se no dilucidar de aspectos do maior relevo no ensaísmo de George Steiner – aqueles que vão apontados no título da obra e outros, que o desenvolvimento foi impondo, tudo tratado com fluência, com rigor, com um impressionante domínio da bibliografia sobre Steiner e sobre os problemas a que este se dedica.

Ricardo Gil Soeiro não se fecha, no entanto, num discurso hermético; neste livro registo com muito agrado a mão, a cabeça e o coração do seu jovem autor, que vai marginando todo o livro com um corpo de epígrafes da mais variada origem, colorindo o estudo com o rosto sensível e já muito sábio do seu jovem autor.

A unanimidade do júri, composto por João David Pinto Correia, Pedro Eiras e eu própria, é o sinal visível da justeza da decisão, reconhecendo a inteligência deste ensaio denso e muito belo.

Paula Morão.

O Cão das Ilhas (Sextante) - Maria da Conceição Caleiro

Com formação superior e experiência docente em Literatura e Cultura portuguesas, reconhecida crítica literária em revistas e jornais, Maria da Conceição Caleiro publicou em 2009 o seu primeiro livro de ficção, *O Cão das Ilhas*, romance que o júri de Ficção/Narrativa do PEN Clube Português recomendou unanimemente como digno do Prémio para Primeira Obra que a Direcção atribui (nesta edição partilhado *ex aequo* com Ricardo Gil Soeiro pelo estudo, esse proposto pelo júri de Ensaio, *Iminência do Encontro: George Steiner e a Leitura Responsável*).

O Cão das Ilhas acrescenta às literaturas de língua portuguesa uma escritora cuja voz própria ressoa na polifonia de vozes das bem definidas personagens do seu romance, que conquanto de estreia literária o não parece, dadas a solidez da construção narrativa, a qualidade da escrita em que sustenta a articulação de registos coloquiais com os de estilo e tom «literário», num todo não uniforme mas razoavelmente coerente e eficaz, no qual se repercute a convivência com tradições literárias (portuguesa ou outras) e em que ocasionalmente ecoam experiências europeias do teatro e do cinema. Nessa polifonia a autora conjuga com segurança as perspectivas com que enuncia uma acção diacronicamente repartida por lugares geográficos, das ilhas (não nomeadas mas notoriamente açorianas) à França, sobretudo Paris, a Lisboa e de novo ao mundo insular do qual procedem duas personagens centrais. Entre estas, mas também na interacção com outras, se repercute a respectiva origem social, cujo efeito, no poder subversivo do seu contraste e da ocasional inversão de papéis, adquire um recorte de tragédia que condensa visões inconciliáveis do amor e da paixão. Que o confronto entre esses laços conduza ao crime pode ser surpresa para o leitor, embora retrospectivamente verifique que a tal conduziria com verosimilhança suficiente a acção narrada pelas personagens. Exílio e ausência, ambientes duros e rarefeitos, vidas no fundo sem comunicação que só a relação erótica (tingida de desforra ou de instinto predador) episodicamente quebra, vão deixando o rasto das suas feridas, até ao final, um desfecho para condenados, que afinal reconduz ao fechamento de ilhas de cães reais ou metafóricos, autodestruindo-se na caça às suas presas, na indiferença ou no naufrágio de vidas e de sentimentos.

Eugénio Lisboa, Filipa Melo e Francisco Belard, que presidiu

Eixos do Mundo

O **The internationales literaturfestival berlin** apela a uma acção de leitura, à escala mundial, de um poema de Liu Xiaobo, Prémio Nobel da Paz em 2010, no dia 20 de Março de 2011, bem como o texto da “Carta 08” (manifesto apelando a uma maior liberdade de expressão na China), da sua co-autoria. Pretendemos participar nesta acção divulgando este número do PENport entre os sócios, com o poema e um excerto do texto que será na altura lido em público em numerosos lugares. (A tradução portuguesa do poema, da autoria de Maria do Sameiro Barroso, pode ser encontrada no blog do Comité de Tradução e Direitos Linguísticos <http://proximidade.penclubportugues.org>).

You Wait for Me with Dust
- for my wife, who waits every day
by Liu Xiaobo

nothing remains in your name, nothing
but to wait for me, together with the dust of our home
those layers
amassed, overflowing, in every corner
you're unwilling to pull apart the curtains
and let the light disturb their stillness
over the bookshelf, the handwritten label is covered in dust
on the carpet the pattern inhales the dust
when you are writing a letter to me
and love that the nib's tipped with dust
my eyes are stabbed with pain
you sit there all day long
not daring to move
for fear that your footsteps will trample the dust
you try to control your breathing
using silence to write a story.
At times like this
the suffocating dust
offers the only loyalty
your vision, breath and time
permeate the dust
in the depth of your soul
the tomb inch by inch is
piled up from the feet
reaching the chest
reaching the throat
you know that the tomb
is your best resting place
waiting for me there
with no source of fear or alarm
this is why you prefer dust
in the dark, in calm suffocation
waiting, waiting for me
you wait for me with dust
refusing the sunlight and movement of air
just let the dust bury you altogether
just let yourself fall asleep in the dust
until I return
and you come awake
wiping the dust from your skin and your soul.
What a miracle – back from the dead.

9 de Abril de 1999 (Trad. Zheng Danyi, Shirley Lee e Martin Alexander)

(Da **Carta 08** - um manifesto assinado por 303 intelectuais e activistas dos direitos humanos)

Este ano é o 100.º aniversário da Constituição Chinesa, o 60.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o 30.º aniversário do Muro da Democracia e o 10.º ano desde que a China assinou a Convenção Internacional dos Direitos Cívicos e Políticos. Depois de experimentar um prolongado período de desastres dos direitos humanos e uma tortuosa luta e resistência, os cidadãos chineses estão cada vez mais e com maior clareza reconhecendo que a liberdade, igualdade e direitos humanos são valores universais comuns partilhados por toda a humanidade, e que a democracia, a república e o constitucionalismo constituem o arcabouço estrutural básico da governação moderna. Uma "modernização" ausente destes valores universais e deste arcabouço político é um processo desastroso que priva os homens de seus direitos, corrói a natureza humana e destrói a sua dignidade. Para onde a China se encaminhará no século XXI? Continuará uma "modernização" sob este tipo de autoritarismo? Ou reconhecerá os valores universais, assimilados em comum nas nações civilizadas e construirá um sistema político democrático? Esta é uma decisão fundamental que não pode ser evitada.

Informações

Próximas sessões a realizar pelo PEN (v. <http://graphias.penclubportugues.org>)

Lisboa

Ciclo A Cidade e a Escrita (na biblioteca do Goethe-Institut)

11 de Abril de 2011 - Maria João Cantinho conversando com Richard Zimler e Ana Cristina Silva

Ciclo "Poesia e Liberdade", organizado por Maria do Sameiro Barroso, na Biblioteca-Museu da República e Resistência

4 de Abril de 2011 – "...e o mar a bater ao fundo": o escritor na prisão, por Teresa Salema

2 de Maio de 2011 – Yang Lian, da Direcção do PEN Internacional e do Independent Chinese PEN: «Be creative poetically and politically»

Porto

Ciclo A Palavra sobre a Palavra

31 de Março de 2011 – Clube Literário do Porto – Maria João Reynaud e José Rui Teixeira conversando com Fernando Guimarães

Terceira Antologia de autores do PEN

Literatura e Inquietude - Antologia de Literatura Portuguesa Contemporânea

Esta antologia destina-se sobretudo a representar autores do nosso Centro no Congresso e Assembleia Geral anual a realizar em Belgrado, no próximo mês de Setembro, tendo os parâmetros para a colaboração sido enviados a todos os sócios. Estão também à disposição dos nossos sócios (com as quotas em dia) os dois números anteriores na sede do Campo dos Mártires da Pátria, podendo ser entregues nos jantares de convívio ou mediante solicitação através do endereço geral@penclubportugues.org

Assembleia Geral

Vamos realizar a Assembleia Geral ordinária em 30 de Março de 2011, às 17 horas na sede.

Forum Saramago

Após o falecimento de José Saramago, foi aberto um forum a todos os centros do PEN para que os colegas em todo o mundo pudessem expressar-se sobre o nosso Prémio Nobel e escritor de dimensão universal.

Envio de textos (até 6 linhas) para geral@penclubportugues.org

Próximo jantar de convívio no Clube de Jornalistas

Terá lugar no dia 2 de Maio, por ocasião da vinda do membro da Direcção Internacional do PEN, Yang Lian, e da conferência que este fará na Biblioteca do Museu da República e Resistência.

PEN Clube Português

Campo dos Mártires da Pátria, 37
1169-016 Lisboa

Site (em remodelação): www.penclubportugues.org

E-mail: geral@penclubportugues.org

Responsáveis por este número:

Teresa Salema

Maria João Cantinho

Maria do Sameiro Barroso